

ENTREVISTA AL PROFESOR MOACIR GADOTTI, DIRECTOR DEL INSTITUTO PAULO FREIRE, SAO PAULO, BRASIL

Primera parte de la entrevista concedida en exclusiva a la Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. La segunda parte se publicará en el Volumen 10, N° 2 de julio-diciembre de 2012.

Entrevistadora Doctora Isabel Orofino, Profesora ESPM, Sao Paulo, Brasil

*Ao longo de uma carreira acadêmica imprescindível com uma autoria de diversos livros sobre teoria crítica da educação o professor **Moacir Gadotti** consolida também o Instituto Paulo Freire; uma organização não-governamental que lidera uma dezena de projetos transformadores junto à educação escolar no Brasil. Nesta entrevista o Prof. Gadotti nos fala um pouco sobre a sua história de vida, desde as suas memórias da infância à militância política, e refletem sobre as dimensões políticas constitutivas de suas escolhas. Abaixo há alguns trechos da entrevista que concedeu à Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Infância e Juventude*

Moacir Gadotti:

Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer à Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Infância e Juventude pelo convite para esta entrevista, que para mim é uma reflexão. Eu encaro uma entrevista também como um *ato político*, como um espaço de diálogo, primeiro com você Isabel porque tenho tanto carinho e temos essa trajetória juntos, faz tempo e a gente continua se encontrando dentro da perspectiva do sonho de um outro mundo possível. Dito isto, eu quero dizer também que eu encaro esta entrevista com um espaço de transparência, de lealdade, de compromisso e o chão, onde minhas palavras estão sendo plantadas é um chão de muita sinceridade, de muita transparência,

como eu disse, então, é nesse tom que gostaria de iniciar a minha fala, a minha conversa com você.

Quando, então, você pergunta **que eu me apresente**, eu acho que não posso deixar de me apresentar como um filho de trabalhadores rurais, do interior de Santa Catarina, um estado brasileiro, na época, extremamente rural e aonde vivíamos em uma situação de pobreza. Meus pais tiveram 3 anos de escolaridade, mal sabiam ler e escrever, então foi neste contexto que eu cresci e trabalhei - na roça - como se diz em Santa Catarina. Depois tive a oportunidade de seguir os estudos, mas com muitas dificuldades, repetindo duas vezes, duas séries do ensino primário. Depois disso sempre fui o aluno mais velho da minha turma. Demorei 10 anos para concluir meu Ensino Superior de Filosofia, e sete anos o de Pedagogia, porque tinha que estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Então posso dizer que conheci a miséria nas minhas origens e essa experiência de vida me levou à uma sensibilidade muito forte em relação à pobreza. Quando encontrei a obra de Paulo Freire, já na faculdade, no ano de 1967 em que me identifiquei com o livro “Educação como prática de liberdade” e fiz meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre este livro.

No fundo essa identificação se dava por essa origem rural e pobre buscando na educação uma forma de superar essa violência contra as classes populares, que empobrece tantas pessoas no Brasil e no mundo e Paulo Freire dava essa ferramenta teórica de entender a realidade, e também a indicação de como superá-la, e o papel da educação nessa superação (que não é o único instrumento de superação das desigualdades).

Eu sempre tive um pé dentro e um pé fora da academia, porque achava que a academia é muito importante, como consciência crítica da sociedade, que deveria ser, mas nem sempre é. Mas a gente não pode se manter vivo na academia se não tiver um pé fora da academia, então esse envolvimento com movimentos sociais, com a luta política, o movimento político e social externo é importante para alimentar a luta interna. A universidade é uma arena, onde

diferentes pensamentos e práticas ocupam um espaço, e a gente não é neutra nessa luta interna dentro da universidade, a gente sempre está optando por um caminho ou por outro e o caminho, provavelmente, é dado para os que veem a educação como um ato emancipador, é dado pelo que acontece fora também. Portanto me envolvi com projetos sociais, com a fundação de um partido político para poder dar sentido ao que eu faço na universidade, para que a minha reflexão tenha sentido. **Bem, e sou fruto desta trajetória, em que me define como professor, como educador e sou um educador, sou um professor e tenho muito orgulho dessa profissão que escolhi como decisão pessoal mesmo, até tentei outras carreiras, inclusive na área de comunicação, trabalhei em rádio quando jovem, depois na televisão na comunicação.**

Reflexões sobre a teoria marxista

Moacir Gadotti: O marxismo é um paradigma histórico, um referencial que continua muito vivo, mas sendo reinventado; é uma metodologia de análise, uma ética também. Acho que o marxismo continua vivo na sua reinvenção. Quando ele foi uma doutrina ortodoxa ele morreu. Como ortodoxia ele virou um credo e morreu, como ortodoxia. **Quer dizer: quem não consegue ler historicamente um pensamento, não consegue contextualizar um pensamento, evidentemente não está dando conta da grandiosidade da dialética marxista e, portanto da obra de Marx.** Então acho que ele continua como um grande referencial, inclusive para a educação, só que ele não pode ser repetido, a essência é contextualizada, atualizada e eu considero um paradigma válido para a leitura do mundo de hoje. Pois afinal de contas, como Paulo Freire disse, o mundo é que o levou à luta social, ao trabalho social, ao contato com a realidade e que o levou a ler Marx, para ajudar a entender melhor aquela realidade. Não foi o contrário: primeiro leu o Marx para depois ler a realidade.

Sobre o contexto político brasileiro e os governos de esquerda

Moacir Gadotti: Eu acho que a reforma política é importante para superar essa forma de financiamento de campanhas e ter campanhas financiadas publicamente, mas acho que isto é um estágio de maturidade da democracia, não seria? Assim, isto nos fala de um vínculo entre política e ética, nos fala da impossível fratura da política com a ética. É com relação a isto Paulo Freire também deixou claro, que não há a radicalização da democracia sem a ética. Mas eu penso que os episódios de crise não obscurecem os avanços sociais do Governo Lula em termos de consulta da sociedade, em termos de distribuição de renda, em termos de se criar uma autoestima para o povo brasileiro. E que teve um operário no poder, com esta capacidade de gestão. O povo acreditou nele mesmo. Então essa mudança de cultura foi importante.

Eu acho que o que está na imprensa (e continua a imprensa batendo sobre a questão da ética) é; a Marilena Chauí define muito bem isto: “a ética na política ou ética da política”? Ela separa estes depois conceitos. A burguesia continua ferindo a ética em todos os pontos, mas atacando o PT por conta dele ter usado dinheiro do caixa dois na campanha, mas não é isso. O pior é eles fazerem uma política antiética de discriminação, de empobrecimento das pessoas, de roubos deslavados através de canais legais de acumulação de renda. Então, acho que temos que desmontar este discurso da mídia neoliberal que tem no Brasil, cujo órgão principal está na *Revista Veja*, que é um formador de opinião e que muitas vezes não se percebe que a pior falta de ética é a exploração do trabalho, é a acumulação capitalista, o desprezo pelos pobres, pelos mais empobrecidos, é a concorrência desleal, é tudo que o neocapitalismo brasileiro pratica e não tem nenhuma legitimidade para acusar o Lula de antiético.

Sobre a educação no Brasil os governos de esquerda

Moacir Gadotti: Eu acho que na educação o Governo Federal fez a parte dele, pois expandiu o acesso à universidade e ao ensino técnico, mas deixou um vazio enorme (e que é a grande crítica, uma crítica que eu faço ao Governo Lula e ao Governo Dilma, porque continua) que é o descaso com analfabetismo no Brasil. Hoje temos quase o mesmo número de analfabetos que tínhamos quando Paulo Freire foi exilado em 1964, uma taxa de analfabetismo entre as maiores do mundo, beirando os 10%. Então houve um descaso durante este período todo em relação ao analfabetismo e as creches e pré-escolas, que só na cidade de SP tem 84 mil crianças esperando vaga em creche, então a educação no Brasil é extremamente desigual e as crianças mais empobrecidas entram na escola com um grau de desigualdade imenso, que faz com que os índices de aproveitamento e êxito seja um dos piores do mundo, só perdemos para o Suriname na América Latina, seguindo os dados da Unesco de 2010. Perdemos no Governo Lula (entre 2005 e 2010) 17 posições no índice de desenvolvimento na *Educação para todos* da Unesco.

Como é que se explica isto? Explica-se porque não há atenção a criança empobrecida. Mas isto não se deve à estruturação da política no Brasil, em que a educação fica sobre a responsabilidade dos municípios e dos estados e o Governo Federal não tem uma atuação direta na estrutura, a estrutura não é federalizada. Por exemplo, nas universidades houve grandes avanços porque é uma estrutura Federal.

A gente viu ontem no telejornal uma reportagem sobre a situação das escolas no estado de Alagoas: uma carência de estrutura física, de fios de energia elétrica aparente, de banheiros sem vasos sanitários, de infiltração nas salas de aula, o teto e a coisa caindo, a pior situação pior que se pode imaginar, mas o governo federal tem responsabilidade em relação a isso? Ou o Governo do Estado de Alagoas?

Desde 1988 a Constituição Federal prevê um regime de colaboração e não houvenhuma

um projeto do Governo Federal que regulamente isso e nem do Congresso Nacional. É preciso regulamentar o regime de colaboração punindo inclusive os municípios que não cumprirem com sua responsabilidade educacional. Mas isso não foi prioridade do governo, como não foi prioridade a alfabetização de adultos. O Governo Federal não conseguiu avanços neste sentido. É uma conjuntura política e um governo de coalizão com outros partidos e a educação no Brasil nunca foi de qualidade, nunca.

O Brasil está atrás dos outros países, está atrasado no campo da educação. De 100 crianças, apenas 14 tem pré-escola, tem creche. E não são só as mais ricas que podem pagar; quase nenhuma criança tem acesso.

E você sabe, são nos primeiros quatro anos que se decide praticamente a vida. Se você não tem um acolhimento, um cuidado com a criança no início da vida é trágico, é uma tragédia na educação porque de cada 100 crianças que entram no Ensino Fundamental apenas 51 terminam o Ensino Fundamental, apenas 33 terminam o Ensino Médio e apenas 11 terminam o Ensino Superior. Enquanto nos países avançados hoje estão universalizando o Ensino Superior, nós temos pouco mais de 10% da população terminando o Ensino Superior. Então nunca houve um Presidente da República neste país que chegasse assim: “Nós vamos mudar este cenário, nós vamos mudar este cenário convocando municípios e estados para assumirem suas responsabilidades”. A sociedade também não se mobilizou para isto, a sociedade também não, pois a sobrevivência é mais importante.

É consenso hoje que esta divisão de sistemas de ensino no Brasil é uma tragédia. Temos muitos sistemas de ensino no Brasil, inclusive sistemas privados, e isto não funcionam. É nos municípios que começa toda a educação e eles são extremamente desiguais. Então já a criança nasce desigual de acordo com o município em que ela nasce. Por exemplo: se a criança nasce em um município como Paulínia (no Estado de São Paulo) que tem uma verba de royalties altíssima e faz elefantes brancos para poder gastar o dinheiro que tem; então aquela criança pode ter mais chances de ter acesso à boa Educação Primária.

No município de São Bernardo do Campo, que tinha as grandes fábricas de automóveis, houve uma época em que tinha as melhores creches, comparadas as creches da Suíça. Então há uma enorme desigualdade na educação brasileira, por isso educadores como Cristóvão Buarque, por exemplo, que foi Ministro da Educação e queria radicalizar a educação no Brasil - mas que não teve recursos para isto e nem força política - hoje está pedindo a federalização da educação básica.

Então, a criação de um Ministério exclusivo para Educação Básica é um assunto que não teve avanços. Já no Ensino Superior, hoje há bolsas para estudar no exterior. Mas não há um centavo para o aluno analfabeto poder estudar. Então ele em que arcar com seus estudos, o aluno analfabeto então é realmente um sistema perverso, onde continua existindo a desigualdade, então nós avançamos em diversos lugares, mas neste eu sou um crítico muito forte da política brasileira das últimas décadas. Não vejo perspectivas de melhorias enquanto não se atacar o mal pela raiz. Precisamos de um modelo que proporcione a colaboração entre os diferentes sistemas de ensino; uma lei de responsabilidade educacional que deveria ser votada no Congresso Nacional, mas não foi até agora. Precisamos da instituição de um regime de colaboração. Então existem pontos positivos, mas não podemos ficar satisfeitos com o que está acontecendo, sobretudo no nosso campo da educação.